ESTORNIOLO, Milena. 2014. *Laboratórios na floresta : os Baniwa, os peixes e a piscicultura no Alto Rio Negro*

Brasília : Paralelo 15

Amanda Rodrigues Marqui

REFERÊNCIA

ESTORNIOLO, Milena. 2014. *Laboratórios na floresta : os Baniwa, os peixes e a piscicultura no Alto Rio Negro*. Brasília : Paralelo 15. 549 pp.

1 *Laboratórios na floresta : os Baniwa, os peixes e a piscicultura no Alto Rio Negro* é originalmente uma dissertação de mestrado premiada no concurso “Povos indígenas na Amazônia brasileira : sistemas de produção e de mercados na gestão da biodiversidade Andreas Kowalski”, promovido pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e pela Cooperação Alemã para o Desenvolvimento Sustentável (GIZ) para premiar as melhores dissertações e teses de antropologia.

2 A etnografia de Estorniolo é um esforço exitoso de tradução entre a ciência ocidental e os conhecimentos tradicionais que tem como foco a piscicultura no Alto Rio Negro. A partir da descrição das primeiras experiências de criação de peixes e da implantação dos projetos de piscicultura pelo Instituto Socioambiental (ISA) nas comunidades participantes, a autora apresenta as interfaces entre regimes de produção e circulação de conhecimentos que aludem aos modos de conhecer e se relacionar no mundo indígena e não indígena. O objetivo da pesquisa é apreender os diferentes significados que envolvem os conceitos de natureza e meio ambiente e noções adjacentes, como diversidade e manejo na piscicultura da Escola Indígena Baniwa Coripaco Pamáali.

3 A investigação foi elaborada por meio de pesquisa bibliográfica, documental e trabalho de campo em Manaus e São Gabriel da Cachoeira, onde foram realizadas entrevistas com os assessores técnicos do ISA, com os representantes das associações indígenas e

com o coordenador técnico da piscicultura. Além disso, foram acompanhadas as atividades no laboratório da piscicultura da escola Pamáali. A etnografia dispõe, em seus anexos, de um glossário dos peixes da região a partir de informações do ISA e do projeto *Kophe Koyaanale,* Manejo de Recursos Pesqueiros no Médio Içana, bem como um esquema das fases de piscicultura do Alto Rio Negro e imagens do laboratório de piscicultura da escola Pamáali.

4 As proposições teóricas-metodológicas utilizadas por Estorniolo fundamentam-se na etnologia indígena e na antropologia da ciência e da tecnologia. Sendo assim, os estudiosos das ciências e os conceitos de tradução de Michel Callon e Bruno Latour permeiam todo o trabalho, bem como as contribuições da etnologia indígena, como o perspectivismo ameríndio e as noções de "equivocações", de Viveiros de Castro, e "acordos tácitos", de Mauro Almeida. É interessante frisar, como a própria autora relata, que algumas das referências teóricas com que ela teve contato antes de iniciar a pesquisa foram utilizadas por seus interlocutores, demonstrando a importância de uma discussão mais simétrica no debate antropológico.

5 A narrativa de Estorniolo tem como ponto de partida o panorama histórico das relações interétnicas no Alto Rio Negro e a ambiguidade relativa à figura dos brancos sob o ponto de vista indígena, que permaneceria até a atualidade. Para os Baniwa, que vivem nas comunidades do Rio Içana e afluentes, os brancos foram enquadrados no panteão dos seres mais perigosos e agressivos. Dessa maneira, a necessidade de controlar sua periculosidade geraria a necessidade de formar mediadores indígenas, como capitães, lideranças de associações indígenas, professores e agentes indígenas de saúde, que, por meio de alianças ou oposições políticas, traduziriam os saberes obtidos no universo dos brancos para o regime indígena de conhecimento, em uma espécie de "domesticação" desses conhecimentos.

6 Com a criação das associações indígenas e da "era de projetos" nas décadas de 1990 e 2000, houve mudanças significativas entre brancos e indígenas na região, constituindo novas relações de "domesticação" dos conhecimentos com os brancos. Nesse sentido, é importante considerar as iniciativas de desenvolvimento sustentável e segurança alimentar promovidas pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) em parceria com o ISA na região. No caso do projeto de criação de peixes no Alto Rio Negro, apesar de haver um objetivo comum, as motivações dos técnicos brancos e dos técnicos indígenas eram distintas. A preocupação dos técnicos não indígenas estava relacionada à segurança alimentar e, para os indígenas e moradores das comunidades, não se tratava de um problema de fome, mas de questões que envolviam disputas internas entre grupos de parentesco, religião e associações indígenas, além da vontade de dominar o universo dos conhecimentos dos brancos e fazer circular bens e pessoas, atendendo às regras de reciprocidade entre parentes.

7 A descrição etnográfica da primeira experiência de criação de peixes em uma comunidade do Rio Tiquié demonstra a iniciativa indígena que, a partir do contato com parentes da Colômbia, cria peixes por meio do represamento de igarapés e da observação dos espécimes transferidos para esses ambientes. Este experimento resultou em uma nova forma de acará, o peixe-só-cabeça, que produziu uma série de significados entre os indígenas sobre as relações entre humanos e não humanos.

8 Em seguida, são apresentadas as atividades do início da implantação do projeto de piscicultura do ISA na estação Caruru e Iauaretê, que contou com a participação de especialistas não indígenas, como engenheiros de pesca e técnicos indígenas. Os

primeiros desafios na experimentação das técnicas de reprodução e criação de peixes buscavam a domesticação de espécies nativas da região que ainda não tinham sido estudadas pelos especialistas da área, em um ambiente aquático igualmente desconhecido pela ciência, além dos testes com recursos locais utilizados na engorda dos peixes nos viveiros com o objetivo de construir uma "alternativa autossustentável" para os povos indígenas da região. Além disso, é interessante a exposição dos pontos de vista sobre a "escassez" de peixes, que, para os técnicos brancos, estava relacionada à acidez da água e, segundo os moradores das comunidades, principalmente os mais velhos, acusavam os bens dos brancos, como o uso de pilhas e itens comprados pelos assalariados. Para compreender as relações entre humanos e não humanos que permeiam os projetos de piscicultura, a autora apresenta as teorias Tukano e Baniwa sobre os peixes e os novos significados produzidos a partir da criação destes seres em um outro *habitat*.

9 Os dois últimos capítulos são os mais notáveis da etnografia de Estorniolo, pois apresentam uma densa descrição da implantação da piscicultura entre os Baniwa e das atividades na escola Pamáali. Os Baniwa vivem em 93 comunidades no Rio Içana e afluentes, organizadas a partir de grupos de parentesco compostos por três fratrias – Hohodene, Walipere e Dzawinai. Cada fratria dispõe de territórios específicos, distribuídos entre as comunidades, onde seus membros podem fazer roças, caçar, pescar e coletar. A escola Pamáali foi inaugurada nos anos 2000 na região do Médio Rio Içana, uma área da fratria Walipere, e tem como objetivo oferecer educação escolar intercultural e diferenciada, por meio da metodologia de ensino via pesquisa para promover projetos de sustentabilidade às comunidades indígenas. Os alunos e professores são das comunidades da bacia do Içana e permanecem na escola nos períodos das aulas, retornando para suas comunidades no período entre as etapas, quando realizam atividades de pesquisa.

10 A particularidade de a estação de piscicultura dos Baniwa ter sido construída na escola proporcionou um outro contexto de aprendizagem e discussão entre professores e alunos sobre as possibilidades de criação e reprodução dos peixes em laboratório. O coordenador da escola e técnico da piscicultura criou um método de captura de peixes a partir da observação de alguns lugares de piracema e da utilização das armadilhas indígenas. Este professor, que é, também, uma importante liderança indígena da região, mediante seu interesse e suas iniciativas de diálogo com os brancos, apresenta instigantes reflexões a partir de seu exercício de tradução, entre os conhecimentos indígenas e científicos, dos conceitos de biodiversidade, manejo, natureza e meio ambiente. Neste sentido, Estorniolo delineia equivocações e desentendimentos durante as atividades da estação da Pamáali e a articulação entre ciência e conhecimento indígena para demonstrar como os conhecimentos técnicos e científicos são indigenizados a ponto de as técnicas de piscicultura serem consideradas fontes alternativas ao "manejo" dos pajés.

11 A etnografia de Estorniolo resulta em uma análise pertinente sobre os diálogos e a tradução entre os sistemas de conhecimentos científicos e indígenas nos projetos de sustentabilidade dos povos indígenas a partir da piscicultura no Alto Rio Negro. As situações e experiências descritas ao longo da narrativa demonstram os diferentes pontos de vista na relação entre assessores não indígenas e técnicos indígenas e as formas como os indígenas atualizam a "abertura ao outro" por meio da "domesticação" de saberes e técnicas dos brancos.

AUTORES

AMANDA RODRIGUES MARQUI

Flacso
armarqui[at]gmail.com